

O avô nasceu 10 anos antes da inauguração da linha de caminho de Ferro. Ele lembrava-se muito bem da sua construção. Muitas pessoas atravessaram o rio, na barça, para ir esperar o comboio que passava na margem esquerda do rio e onde se situava o apeadeiro com o nome do Orago da Aldeia, Santa Luzia. Amieiro, localiza-se na margem oposta, a cerca de 250m de altitude. Nesse ano a população da aldeia atingiu o seu máximo de sempre.

A primeira destas décadas, coincide com a construção do troço de caminho de ferro entre o entroncamento do Tua e Mirandela. Foi uma tarefa difícil. Houve muitos acidentes de trabalhadores, que pendurados em cordas, ao que chamamos hoje de rappel, dinamitavam o granito das escarpas que ladeiam a foz do rio Tua, no Douro, para construir a linha férrea. A linha foi construída acompanhando o sinuoso e selvagem curso do Tua, pela margem esquerda. Não temos dados estatísticos concretos dessa década, mas entre os dados anteriores e os da série seguinte, a população diminuiu ligeiramente.

Nesta década, A linha do Tua foi inaugurada, na sua extensão máxima, desde a estação do Tua, onde entroncava com a linha do Douro, até Bragança, numa extensão de 134kms. O pai de Francisco, nasceu no último ano da década ou o primeiro da década seguinte? Foi o primeiro habitante da aldeia a nascer na República, enquanto a Ambulância postal, passou a transportar o correio em detrimento da anterior mala posta.

Quando era pequeno o seu avô, contava-lhe a história de que a aldeia, nesta década, tinha resistido à pneumónica, porque estava muito isolada, rodeada por sete colinas e porque as pessoas tinham acendido fogueiras à porta de casa. No resto do país, nesses anos, a mortalidade foi muito superior à natalidade. Mas nessa década a população do Amieiro diminuiu bastante, seriam efeitos da I Guerra Mundial ou da emigração?

Desde a década do nascimento do pai de Francisco, casado durante esta década e o nascimento do próprio Francisco, a população da aldeia esteve sempre a diminuir. Provavelmente algumas pessoas da aldeia emigraram para o Brasil, para onde se dirigia grande parte da forte corrente migratória desses anos.

Esta década foi economicamente difícil. O País era completamente rural, atrasado e analfabeto, mas o mundo industrial também tinha entrado em colapso, no final da década anterior, uma crise de sobreprodução, um ano antes do nascimento de Francisco, que tal como o pai nasceu no ano 0. A população da aldeia até aumentou. Alguns dos que tinham emigrado antes, provavelmente regressaram. Ou a aldeia pode ter recebido espanhóis fugidos à Guerra Civil.

Esta foi a década em que o mundo assistiu ao horror da bomba atómica. Mas o pós-guerra, levou a um relançar da economia industrial dos países. Mas, no Portugal rural, as oportunidades eram muito poucas. Entre os habitantes que saíram da aldeia, Francisco, foi um deles, depois de já não querer trabalhar no “campo”. Tinha pouco mais de 10 anos, tinha concluído a 4ª classe, ao contrário de outras crianças da aldeia que não tinham ido à escola. Queria ser maquinista dos comboios, que fumegavam no fundo do estreito vale e que observava lá do alto de Amieiro.

As condições de vida, para a maioria da população, estavam muito abaixo do limiar de pobreza. Durante esta década nota-se o desenvolvimento de algumas indústrias, no país, reflexo do que se passava pelo mundo. Nesta década foi lançado o 1º satélite artificial, o Sputnik. Também a população da aldeia aumentava (o Baby-boom do pós-Guerra). Com a taxa de natalidade na casa de 25 por mil, e a mortalidade a descer, no país, o saldo era francamente positivo. Apesar disto, no início da década seguinte a mortalidade infantil ainda quase chegava aos 90/por mil habitantes.

Nesta década, as máquinas a vapor deixaram de circular na linha do Tua e Francisco, já maquinista, foi o representante local na passagem das máquinas para diesel. Neste ano, verificou-se o pico máximo de emigração portuguesa do Século XX. A meio desta década, só num ano, a emigração legal e clandestina, ultrapassava as duzentas mil pessoas. A quebra foi significativa no Município de Alijó com uma diminuição de 3886 habitantes. Apesar disso, a emigração não se refletiu na população da aldeia, talvez devido ao facto de no ano anterior ter sido inaugurado o complexo agroindustrial do Cachão. Francisco agora já conduzia uma máquina elétrica do Sud-Express.

No início desta década, Francisco continuava a dirigir o Sud-Express, até Vilar Formoso, a fronteira de Portugal, que continuava a transportar os emigrantes de Lisboa para a Gare de Austerlitz, em Paris. Com a chegada da democracia ao país, muitas pessoas saíram da aldeia com destino à capital. A década também coincidiu com o declínio do complexo agroindustrial do Cachão, que na década anterior, recebia todos os produtos agrícolas produzidos na região. Foi o início da saída em massa da população. Com o êxodo rural, começava o verdadeiro declínio da aldeia e também da sua ligação ferroviária. Quando ia à aldeia, Francisco agora atravessava o rio no pequeno teleférico artesanal, construído na década anterior.

Enquanto o país prosperava com a sua entrada na Comunidade Europeia, hoje, União Europeia, a população da aldeia afundava-se. Os comboios já quase não tinham utentes e já se avizinhava e adivinhava o encerramento da linha. Desenvolveu-se em força a “Era do Alcatrão”. Mas Francisco, quando visitava o Amieiro como bom ferroviário, continuava a fazer a sua viagem de comboio. De Lisboa até ao Porto; do Porto, pela linha do Douro, até à estação do Tua, do Tua até ao apeadeiro da sua terra natal. Mas agora atravessava o rio pela ponte metálica construída, a meio da década. Era um dia inteiro de viagem.

Francisco fez obras na sua casa do Amieiro, a pensar na sua reforma. A linha férrea foi encerrada. A biodiversidade da região mantinha-se. O património natural e a paisagem das escarpas graníticas que ladeavam o rio, tinha sido deixado ao abandono mostrando toda a sua beleza selvagem. Nesta década a população da freguesia até aumentou muito ligeiramente e voltou aos três dígitos.

Francisco deixou de ir “à Terra” de comboio. A linha já estava encerrada desde a década anterior. Nesta década, discutia-se na sociedade civil, os 16 kms iniciais da linha do Tua que iriam ser submersos pela construção da barragem do mesmo nome, destruindo de vez a possibilidade de recuperar a beleza do património construído com muito esforço, numa paisagem de uma beleza rara. 100 anos medeiam entre a inauguração da ambulância postal da Linha do Tua que transportava o correio para os apeadeiros e daí saía depois para ser distribuído pelos carteiros nas pequenas aldeias das fragas do Tua, e o final desta década.

Já nesta década tal como a linha do Tua se afundou nas águas paradas da barragem, também a população de Amieiro se afunda. Francisco regressou à aldeia. Agora faz parte do grupo etário de valor percentual mais elevado. Também nesta década a aldeia deixou de ser sede de freguesia. Esperamos, no final desta nova pandemia, a população não tenha diminuído ainda mais. O Tua continua a correr, agora acumulando os sedimentos na albufeira, onde já se querem realizar viagens turísticas de barco, que fazem o percurso da Linha do Tua, desde a albufeira, até Brunheda. De Brunheda a Mirandela, o comboio voltou a funcionar, nesse troço, para norte, a linha não ficou submersa....